

De sujeito em projeto.

(Esboço de ensaio a ser dedicado a ... Vargas)

Sujeito pressupõe soberano ao qual deve sujeitar-se. Projeto pressupõe parede contra a qual possa projetar-se. A hipótese a ser aqui avançada sugere que a revolução cultural atualmente em curso pode ser captada enquanto mudança de atitude existencial: de sujeitos passamos a projetos. Por certo: o que acaba de ser sugerido não passa de metáfora, de imagem. Pede que imaginemos movimento corporal graças ao qual nos elevaremos de postura submissa e assumiremos postura erecta. Trata-se de metáfora, porque de transposição de fenómeno cultural para contexto de organismo. Toda metáfora exige desconfiança, porque o que é válido em determinado contexto não o é necessariamente em contexto diferente. E a desconfiança se justifica ainda mais quando se trata de metáfora que transpõe do contexto cultural para o da biologia. Dolorosas experiências recentes ilustram o perigo de tal biologização metafórica da cultura. No entanto: metáforas são, malgrado seus perigos inerentes, estratégias poderosas (e quicá inevitáveis) do pensamento.

A metáfora aqui sugerida não é inocente. Visa estabelecer paralelo entre a situação atual e aquela longínqua na qual os nossos antepassados começavam a assumir postura erecta. Pede que tentemos intuir o então acontecido. O clima tinha mudado e as árvores iam se rarefazendo. Com isto as mãos e os braços iam perdendo os galhos sobre os quais se apoiavam e passavam a pindurarem sem função no vazio. As tentativas (reacionárias) de serem utilizados enquanto órgãos de locomoção (como nos animais habitantes do solo) falharam. A única alternativa era a de assumirmos postura erecta e utilizarmos as mãos e os braços para funções inteiramente novas e previamente imprevisíveis. Isto implicou em reorganização do organismo todo, sobretudo do sistema nervoso. E implicou ainda em exposição do ventre não protegido pelo esqueleto aos perigos do ambiente. Graças a este paralelo a metáfora aqui sugerida espera dramatizar os perigos inerentes na situação atual, mas igualmente os horizontes por ela abertos.

O pensamento metafórico é menos nefasto se estiver consciente da sua metafóricidade. Passa então a figura que se sabe auxiliar e provisória, (a "ficção", a "fingimento"), e visará a ser apagada depois de utilizada. E neste espírito que o ensaio seguinte se quer lido e criticado.

.....

Partirei do Trecento e Quattrocento. E mais especificamente do Cusano. Isto porque, sob leitura "pos-moderna", as obras "De docta ignorantia" e "De coniecturis libri duo" se revelam fontes da modernidade. Não apenas por degradarem todo conhecimento objetivo em mera conjectura (já que não há dois objetos que sejam perfeitamente iguais), mas sobretudo por anteciparem a cosmovisão anti-aristotelica da ciência moderna. Sob a luz da metáfora aqui sugerida trata-se do primeiro movimento ainda mal articulado de abandono da postura submissa. Os pontos de partida do Cusano (e de alguns de seus predecessores), a saber sua tendência para a matematização do pensamento e seu conceito da co-incidência (dos opostos) exigem serem examinados, já que sofreram deturpações por

parte primeiro de Giordano Bruno, mais tarde por parte dos pensadores dialecticos, historicistas. Tal exame desenterrará provavelmente o germe do pensamento probabilistico que caracteriza os ultimos estagios da modernidade. Mas o que importa no contexto aqui proposto é a mudanca de atitude existencial que se articula no Cusano. Sem (ainda) negar o Soberano, o Cusano nao mais se inclina perante Ele, mas perante o mundo dos objetos. E tal inclinacao deixa de ser submissa: o Cusano se inclina "sobre" o mundo. Por certo: o Soberano serve de derradeiro apoio, protege as costas de quem se inclina sobre o mundo. Mas o fundamentalmente novo em tal atitude é que nela o homem nao mais se assume sujeito do Soberano, mas sujeitos dos objetos. E isto e o significado de termo "sujeito" na epoca moderna.

Trata-se de insurreicao apenas esboçada. O homem continua prisioneiro de "leis", embora sempre menos de leis Divinas, e sempre mais de leis "objetivas" (da dita "natureza"). Continua sujeito. Mas a mudanca do clima existencial é notavel. As leis Divinas podem ser infringidas (a possibilidade do pecado existe), mas o sujeito que procura se libertar será castigado. Estamos, enquanto sujeitos de Soberano, no clima da retribuicao, do temor e tremor, e a atitude prudente (correta) é a da obediencia (da santidade). As leis da natureza no entanto nao podem ser infringidas mas podem ser conhecidas e manipuladas, (existe a possibilidade da tecnica), e isto permite ao sujeito libertar-se impunemente. Estamos, enquanto sujeitos de um mundo objetivo, no clima da descoberta, da invencao, da libertacao progressiva. Força a admitir que tal clima moderno é mais dificil a justificar racionalmente que o clima precedente. O problema do sujeito de soberano é: "como se explica que as leis podem ser infringidas?". O problema mais dificil do sujeito de objetos e: "se as leis nao podem ser infringidas, como posso libertar-me?". Postos os dois problemas lado a lado, (como o são no decorrer da Idade moderna), acabam eles provocando a suspeita que sao mal formulados, e que o erro esteja no conceito "sujeito".

Tal suspeita se condensa no final da Idade moderna. Para captarmos tal fenomeno, devemos considerar os codigos nos quais as leis sao formuladas. As leis Divinas sao formuladas em letras do alfabeto, as da natureza em cifras. As leis Divinas sao articuladas em palavras escritas, as naturais em algoritmos. Ora: o universo do codigo verbal (do discurso) é universo linear, unidimensional, fluxo. E o universo do codigo numerico é universo pontual, zero-dimensional, mosaico. Enquanto sujeitos de leis Divinas estamos imersos em rio, em historia, em processo que demanda o Ultimo juizo, (e nao apenas o Motor primeiro). E enquanto sujeitos de leis da natureza estamos imersos em montao de graos de areia, em um puzzle que combina e recombina seus elementos. A passagem de sujeitos de Soberano para sujeitos de objetos implica pois mudanca de universos, e tais universos sao dificilmente conciliaveis. No entanto: a consciencia de tal irreconciliabilidade, embora presente no decorrer da Idade moderna toda, não chegou a articular-se senão no final do periodo, isto e: no inicio de seculo presente.

A consciencia de tal inconciliabilidade (inadequabilidade) aponta de maneira formal no metodo cartesiano. Como adequar a coisa pensante (a qual, depois

do Cusano, e concebida enquanto coisa numerica), ao mundo dos objetos (os quais continuam a serem concebidos enquanto coisas extensas)? A solucao cartesiana, a saber aplicar o metodo da geometria analitica, (isto e: rotular os pontos da coisa extensa com numeros), revela a dificuldade. Ao transcodificar a geometria para o codigo aritmetico, Descartes nao visa abandonar o universo-fluxo, mas apenas a reconcilia-lo com o universo-arsia. A epistemologia implicita em Descartes é esta: o mundo dos objetos continua estruturado processualmente, o sujeito de tal mundo passa a ser estruturado matematicamente, e "conhecimento" é a transcodificacao do primeiro universo em codigos do segundo. Por certo: implicitamente Descartes assume que (com ou sem "concursum Dei") quem codifica as leis da natureza é o proprio homem, mas explicitamente continua assumindo sermos "sujeitos" de tais leis objetivas.

Com o recorrer da Idade moderna a sujeicao do homem a um mundo objetivo vai se tornando sempre menos convincente. Na medida em que os conhecimentos adquiridos pela ciencia vao sendo aplicados, regioes sempre mais vastas do mundo vao sendo submetidas ao dominio humano e, depois da revolucão industrial, o homem vai sendo cercado sempre mais por objetos feitos por ele, e sempre menos por objetos "dados". Os problemas criados pela tecnica (sobretudo o da dependencia do homem dos seus proprios produtos) nao parecem acessiveis, se for mantida a antropologia segundo a qual somos "sujeitos de objetos". Em meados do seculo 19 comecam a articular-se as primeiras tentativas para substituir tal antropologia por outra. A mais importante é a marxista, para a qual sujeito e objeto passam a polos de contradicao dialectica (portanto a elementos equivalentes), e para a qual a sujeicao humana aos objetos é apenas o ponto inicial do processo dialectico, cujo ponto final é a humanizacao do objeto e a objetivacao do homem. No entanto: será somente no final do seculo 19 que a insustentabilidade da noção de "sujeito" vai comecar a revelar-se.

.....

Varias tendencias, provindas de regioes heterogeneas, vao convergir sobre tal ponto de insustentabilidade. Devemos distinguir (do ponto de vista nosso, que é o ponto de vista "pos-moderno"), entre dois tipos de tendencias convergentes. O primeiro tipo vai minando a confianca nos objetos, o outro vai esvasiando a noçao de sujeito. Isto terá consequencias fatidicas sobre a historia da primeira metade do seculo 20. Na medida em que a confianca nos objetos vai desaparecendo, ideologias brutais glorificadoras do sujeito vao aparecendo. E na medida em que a noção de sujeito vai sendo esvasiada, tendencias igualmente brutais rumo a uma massificacao vao se articulando. O que vai permitir mistura irracional e assassina dessas duas atitudes irreconciliaveis, a saber o fascismo, o qual simultaneamente glorifica o sujeito e o massifica. Para captarmos tal idade de trevas (que e a primeira metade do nosso seculo), devemos considerar brevemente algumas das tendencias convergentes.

A fisica vê-se obrigada a abandonar a ideia segundo a qual os objetos são coisas extensas. O mundo dos objetos vai se revelando vacuidade dentro da qual elementos pontuais (particulas) sao distribuidos irregularmente, mas ten-

dem para distribuicao sempre mais regular, mais "provavel". Ora, isto altera os dados do problema cartesiano. Nao se trata mais de adequar a estrutura da coisa pensante a dos objetos, já que as duas estruturas sao as mesmas: distribuicao de elementos claros e distintos. A primeira conclusao disto é que o pensamento aritmetico é perfeitamente adequado para o conhecimento do mundo quantico objetivo. Mas logo surge a suspeita: e se o mundo objetivo for quantico porque o pensamento aritmetico, quantificante, o manipulou para que assim seja? Se o pensamento aritmetico for perfeitamente adequado, simplesmente porque ele proprio estruturou o mundo segundo a sua propria estrutura? Em outros termos: se as leis da natureza nao fossem descobertas, mas invencoes do homem? Por exemplo: se a lei da queda livre tivesse sido descoberta no mundo objetivo pela simples razao de ter sido para la projetada pelo pensamento? Tal suspeita sugere ser o mundo objetivo projecao do pensamento aritmetico, e sermos nos os seus legisladores (longe de sermos seus sujeitos). Isto nao seria (como parece) solipsismo idealista, nem visao orientalista, mas pelo contrario seria estrategia para manipular o mundo objetivo mais eficientemente.

A neurofisiologia passa a explicar porque, até agora, assumimos os objetos enquanto coisas extensas. Os nossos nervos recebem estímulos pontuais, os quais, a maneira do código digital, são admitidos ou recusados ("1-0"). Isto é: o nosso sistema nervoso "percebe" a estrutura quantica do mundo objetivo. Processos complexos (e ainda nao perfeitamente elucidados) dentro do sistema nervoso (e sobretudo no cerebro) processam tais estímulos para resultarem em percepções de coisas extensas. O nosso sistema nervoso "computa" as particulas em imagens de coisas extensas. Na ignorancia de tal processamento assumiamos, até agora, tais imagens computadas enquanto "imagens do mundo objetivo". Surge a seguinte suspeita: nao seria o mundo dos objetos projecão do nosso sistema nervoso, nao seriamos nos proprios os projetos de tal mundo? Isto nao seria (como parece) ideologia romantico (o mundo um sonho), porque permitiria manipular as percepções (por exemplo graças a electrodos introduzidos no cerebro), e simular o processamento (por exemplo em computadores).

A analise dos processos psicicos vai revelando que a noção de "Eu subjetivo", (de "identidade", "espírito", "alma", em suma de "mesmo") é extremamente fluida e indefinivel. Os processos psicicos ditos "concientes" assentam sobre camadas grossas de processos "coletivos", há constante transito entre todas as camadas, e o sujeito individual forma especie de ponta de um iceberg o qual por sua vez flutua em oceano inarticulado. Com efeito: tal analise sugere que a noção de "Eu subjetivo", de "individuo humano" etc. nao passa de reificacao de processos psicicos, de especie de adensamento de distribuicao de elementos psicicos em determinado campo. O paralelo com a nova noção de "objeto" parece impor-se: tanto "objeto" quanto "sujeito" são noções reificantes de relações em determinados campos. Surge a seguinte suspeita: nao seria a noção "sujeito", (Eu, identidade) derradeiro resquicio de ideologia tida por ultrapassada, segundo a qual seriamos sujeitos de um soberano, "creaturas"?

A analise fenomenologica e existencial revela o outro lado da mesma

moeda. Podemos identificar-nos apenas em relacao com outros (identidade implica diferenca). O "eu" é definível apenas em relacao a um "tu", ou, em outros termos: "eu" é aquilo que é chamado de "tu", e tal relacao é reversível. A análise de um "eu" individual revelara as sucessivas camadas de "tus" que o constituem. O "eu" se revela no de relacoes intersubjetivas, e (como a celebre cebola) nao contem nucleo duro. Fora de toda relacao o "eu" é estritamente nada. A noção de "eu" é mera abstracao da concreticidade das relacoes intersubjetivas. Sao tais relacoes concretas que se entrecruzam em "eus" como os fios de uma rede em nos, que constituem o mundo vital, e todo resto é ideologia a ser "reduzida". Tal visao dialogica impoe a seguinte suspeita: já que existimos apenas em funcao de dialogo com outros, nao seria o mundo dos objetos projecao ~~projecao~~ de tal dialogo, e nao seria a estrutura de tal mundo funcao de determinado consenso?

As quatro tendencias aqui brevemente consideradas, (duas das quais minando a confianca em objetos, as duas outras esvasiando a noção de sujeito), nao poderiam por si so (e mesmo aliadas a outras tendencias aqui desprezadas), ter resultado no abandono da antropologia subjetiva, na insurreicao do sujeito humano e na nova atitude existencial, na de projetos. Para que isto possa acontecer, era necessario que mude a nossa praxis.

.-.-.-.-.-.-.-.-.

A primeira praxis na qual se articula a mudanca de atitude de sujeito em projeto é a fotografia, a qual portanto merece ser considerada mais atentivamente. Moleculas de sais de prata sao distribuidas sobre superficie a ser exposta a raios. As moleculas atingidas reagem quimicamente e vao formando estruturas. E tais estruturas vao sendo assumidas enquanto imagens dos objetos que refletiram os raios. Tres aspectos de tal tecnica devem ser acentuados imediatamente; (1) a estrutura granular da fotografia. (2) A tecnica simula, de maneira crua, o processo graças ao qual os nervos oticos recebem estímulos, e o sistema nervoso os processa em percepções (imagens). (3) A tecnica é resultado de convergencia de varias ciencias (otica, quimica, mecanica e outras); no entanto, confunde-se com arte. Cada qual dos tres aspectos salientados terá consequencias profundas sobre a revolucao cultural da qual trata este esboco de ensaio.

(1) A foto é imagem granular, o que levanta o problema da "definicao" no sentido de: finura dos graos e densidade de sua distribuicao (close packing). A saber: quanto mais finos os graos, e quanto mais densamente distribuidos, tanto mais a imagem se assemelha ao objeto por ela imaginado, ate um ponto a partir do qual nao mais poderemos distinguir entre imagem e imaginado. Com efeito: tal progressiva aperfeicoamento da "definicao" (foto-filme-video-holograma) vai caracterizar a tendencia doravante. Em outros termos: o universo de tais imagens tecnicas vai se tornando progressivamente indistintivel do universo dos objetos. A distincao entre "ficcao" (mundo imaginado) e "realidade" (mundo dos objetos) vai se tornando inoperante, e vai ceder seu lugar a distincao entre "concreto" e "abstrato". Ora: o mundo das imagens é projeto humano (mundo de "diapositivos"). De maneira que o mesmo vale para o mundo dos objetos. Ohomem se assume projeto do mundo.

(2) Simular a funcao do sistema nervoso (e nao apenas a funcao muscular, como o fazem as maquinas industriais) implica que passamos a abandonar a distincao entre "espirito" e "corpo". A foto simula a percepcao visual, e com isto inaugura evolucao que vai simular progressivamente processos mentais de mais em mais complexos (o calculo, a memoria, a decisao, o raciocinio logico, a composicao musical, a criatividade poetica, a elaboracao de imagens). Tal serie de simulacoes de processos mentais em objetos inanimados esta apenas em seus estagios iniciais, mas permite, desde ja, que avaliemos o seu impacto. A saber: deixaremos progressivamente a concentrar nosso interesse sobre a nossa atividade mental, e passaremos a concentra-lo sobre a programacao de tal atividade. O quanto isto e penoso, a praxis com a fotografia o mostra. No inicio acreditava-se ser o aparelho fotografico especie de pincel eficiente: o fotografo manipulava o aparelho. E somente na atualidade que comecemos a perceber que o fotografo e agente redundante, que a foto se faz automaticamente, (veja-se fotos feitas por satellite), e que o verdadeiro agente (o verdadeiro produtor da imagem) e o produtor (programador) do aparelho. Isto vai revolucionando o nosso conceito de "imaginaçao": nao mais a concebemos enquanto capacidade de fazer imagens (automatos o fazem), mas enquanto capacidade de programar a execucao de imagens. No fotografar (e nos gestos decorrentes disto), o homem deixa de ser sujeito, e passa a projeto.

(3) A fotografia e "tecnica", isto e: praxis informada por teoria. Tal tipo de praxis nao-empirica comeca a articular-se no Quattrocento, quando o conceito "teoria" muda de significado. Deixa de significar "contemplacao de ideias" para significar "elaboracao de ideias a serem submetidas a critica da observacao e do experimento". (Tal transformacao da teoria se deve a atitudes tais como se articulam no Cusano.) A partir do Renascimento ate meados do seculo 19 a praxis tecnica se limitava a elaborar modelos de comportamento, (instrumentos e objetos de consumo). A elaboracao de modelos de vivencia continuava praxis empirica, e era chamada "arte". (A distincao entre "tecnica" e "arte", tipicamente moderna, e feita nesta base). Ora, a foto produz imagens, isto e modelos de vivencia, nao objetos de consumo. A tecnica destarte invade terreno ate la reservado a arte. O efeito disto e explosivo: ao borrar-se o limite entre tecnica e arte, borra-se o limite entre comportamento e vivencia, (entre etica e estetica), e passa-se a admitir que os dois se co-implicam e que os dois implicam conhecimento. Por exemplo: que automoveis sao poderosos modelos de vivencia (arte), embora sejam modelos de comportamento, que fotos sao poderosos modelos de comportamento (etica, politica), embora sejam modelos de vivencia, e que os dois sao poderosos porque assentam sobre teorias. Gracias a tal nova visao a arte tecnizada passa a invadir a cena quotidiana, a abandonar os ghettos glorificados, (museus, academias) nos quais ficou presa no decorrer da Idade moderna, e passa a modelar o comportamento. Mas este impacto revolucionario vai mais longe ainda: modelar vivencias e impor significados, e isto e a funcao da arte: dar sentido a vida. Com a foto se inicia toda uma serie de gestos informados por teoria que visam conscientemente a imposicao de significados sobre existencia absurda em mundo absurdo. O homem vai se assumindo projeto para significados.

Por certo: os três aspectos da fotografia aqui salientados não encamurçam as virtualidades nela dormentes. Para citar apenas uma outra: o gesto de fotografar é o da procura de pontos de vista, e visa acumular pontos de vista sucessivos. Isto implica que vai sendo abandonado o conceito de "ponto de vista preferencial", (por exemplo o ponto de vista "objetivo", que é o ponto de vista do soberano), e a admissão da equivalência de todos os pontos de vista. E isto, por sua vez, não implica apenas no abandono de toda ideologia, mas igualmente da subjetividade. O fotógrafo se assume, pela sua praxis, projeto de mundos alternativos, (projetados de pontos de vista alternativos). No entanto: embora os três aspectos aqui salientados não sejam suficientes para captarmos a insurreição do sujeito que se manifesta pela fotografia, permitem que a intuamos.

Procurarei formular tal intuição da seguinte maneira: a partir do Trecento e Quattrocento o homem deixa de inclinar-se perante o soberano e passa a inclinar-se sobre o objeto. De sujeito de algo superior a ele passa a sujeito de algo que o sustenta por baixo. Mas isto é insurreição apenas aparente, porque o homem continua dominado. Com efeito: inclina-se ele sobre o objeto afim de decifrar seu segredo ("natura libellum"), na esperança vã de poder libertar-se. Tal esperança é chamada "ciência da natureza", e, em termo social, "esclarecimento". Ora, ao destarte penetrar sempre mais o objeto, vai acumulando a suspeita que não há nada que se esconda no seu fundo. O objeto vai se mostrando vacuidade na qual nada há a ser porventura decifrado. Simultaneamente vai acumulando a suspeita que a sua própria pesquisa (tal inclinação sobre o objeto) é um ondular no vazio. Que o homem não pode ser sujeito de objetos, não apenas porque os objetos não são fatos concretos, mas sobretudo porque o sujeito não é fato concreto. Ora: tal suspeita acumulada vai resultar em mudança de atitude. O homem vai se levantar, vai assumir-se vacuidade, e, a partir de tal vacuidade projetos vão ser emitidos sobre o fundo da vacuidade. Nova antropologia vai se formulando: o homem enquanto negação do nada. O homem enquanto fonte de significado, enquanto legislador e codificador de mundos alternativos. O homem enquanto "artista" no significado exato do termo.

O ensaio aqui esboçado vai ter a tarefa de formular tal intuição em termos exatos. Por exemplo: vai ter que mostrar que tal "negação da negação" pode ser concebida enquanto inversão da entropia. Ou: vai ter que aplicar a análise fenomenológica para mostrar como a redução fenomenal e edeítica permite visão disciplinada da nova antropologia. Tais tarefas ultrapassam o escopo deste esboço. De resto: numerosos pensadores, desde pelo menos Husserl e Wittgenstein até os atuais críticos "pos-modernos" da cultura estão empenhados nisto. O que importa aqui é agarrar-se a intuição, e leva-la a termo.

Que um único exemplo sirva para ilustrar o que tenho em mente. A ciência moderna assume que o mundo dos objetos, embora aparentemente caótico, pode ser reduzido a formas relativamente simples e ordenadas (ao celebre jogo universal de algoritmos e teoremas). As pedras parecem rolar desordenadamente, mas "na

realidade" obedecem *elas a regra* matematicamente simples da queda livre. Tal platonismo inerente na ciencia moderna (as aparencias sao irreais, e o real sao as formas), não é mais sustentavel. Numerosos processos no mundo objetivo se recusam a serem reduzidos a formas simples. Conservam sua estrutura desordenada em todos os niveis aos quais possam ser reduzidos. Exemplo: os contornos dos continentes, os fenomenos meteorologicos, a estrutura profunda dos seres vivos. Tais fenomenos irreduziveis (auto-semelhantes) constituem a maioria dos processos no mundo objetivo, sobretudo quando este for reduzido ao nivel das particulas das quais é composto. Surge a suspeita que a ciencia moderna escolheu (motivada por seu platonismo inconfesso) apenas os fenomenos reduziveis. E que o mundo objetivo, longe de esconder ordem qualquer, é fundamentalmente desordenado, montao de acidentes. Que o exato contrario da afirmativa de Einstein (de um dos ultimos cientistas "modernos") "Deus nao joga dados" é o caso.

Ora: os fenomenos irreduziveis (auto-semelhantes) permitem nao obstante serem formulados matematicamente. Tais "equacoes fractais" podem ser transcodificadas digitalmente e alimentadas em computadores, os quais podem por sua vez transcodifica-las em linhas, superficies, cores, movimentos e sonoridades. O que resultara disto são os celebres "monstros mandelbrotianos", isto e imagens em monitores e futuramente hologramas. Destarte as equacoes passam a ser vivenciaveis, "obras de arte". Algumas de tais imagens se assemelem a determinados objetos (por exemplo formacoes geograficas ou formas botanicas), pela simples razao que tais fenomenos são "fractais" (irreduziveis). Mas a maioria das imagens nao se assemelem a nada, pelo simples fato que nao "representam" objetos mas algoritmos. O que vivenciamos, ao contemplarmos tais imagens, sao projetos.

Alguns pensadores atuais (sobretudo Baudrillard) afirmam que tais imagens de "objetos inexistentes e impossiveis" sao simulacros. Defendo a posicao oposta: os objetos "fractais" (como as formacoes alpinas), podem ser consideradas, com justificacao igual, simulacros de algoritmos. Defendo a posicao que doravante nao mais é possivel fazer-se distincao entre objeto e simulacro. Os "monstros de Mandelbrot" mostram concretamente que somos nos os que projetamos mundos, sejam tais mundos tidos por objetivos ou "inateriais" (nao-objetivos). Mas mostram outra coisa ainda. Tais projetos nao sao emissões de um sujeito individual, (de um "autor chamado Jacques Mandelbrot"), mas emanam de um dialogo intersubjetivo. Sao projetos de consenso. E mostram ainda que nao mais podemos distinguir neles entre ciencia, tecnica e arte: sao elas tanto modelos de conhecimento, quanto de vivencia e de comportamento. Nelas, o homem se assume no de relacoes intersubjetivas, e projeto de mundos alternativos.

O exemplo (que pode ser completado por numerosos outros) visa apenas ilustrar o ponto critico no qual nos encontramos. Visa apenas ajudar-nos na tarefa dificil de repensarmos as nossas categorias tradicionais em contexto no qual deixamos de sermos sujeitos e passamos a ser projetos. A orientarmo-nos (por problematicamente que seja) na revolucao cultural da qual somos testemunhos e cujo impacto comecamos apenas a vislumbrar vagamente. ,

Retomo o paralelo metafórico entre a nossa situação e a dos hominídeos obrigados a abandonarem as árvores protetoras. Como eles, não temos mais galhos aos quais agarrarmos. Com efeito: não temos mais chão fiável que possa sustentar-nos. Viramos "projetos" no significado existencial do termo: lançados rumo a nada a partir do nada. Quando tal clima nosso começou a articular-se (por exemplo em Kafka), era banhado em sensação do absurdo. Eventos absurdos (dos quais Auschwitz e Hiroshima são exemplos) confirmaram isto (Kafka era tomado como profeta de tais eventos). Isto começa a mudar: estamos assumindo o absurdo, e procuramos lançar significados ("Sinngabung") na sua cara. Com isto está se abrindo horizonte de virtualidades apenas imagináveis. Por certo: não há nenhuma certeza em tal clima, e sobretudo nenhuma certeza quanto a possibilidade de superarmos os desafios. Mas é precisamente isto que é empolgante: estamos nos projetando rumo a aventura.

Ao termos deposto o soberano ("Deus morreu") perdemos todo sustento. O objeto é substituído pouco satisfatório de Deus. Devemos aprender a viver sem sustento, a ficarmos adultos. Isto em nada ⁱⁿdiminui a nossa sensação do misterioso, do sacro. Pelo contrário: os nossos pais, que se agarravam aos objetos, podiam crer que o misterioso é "elucidável", nos não podemos mais fazê-lo. É isto e o que mais nos confunde: ao abandonarmos a submissão, ao assumirmo-nos projetos, estamos sendo lançados rumo a uma nova religiosidade. E isto cancela toda sensação de "orgulho criador" que poderia acompanhar a insurreição ora em curso.